

## Separação dos pais: um impasse a ser superado<sup>1</sup>

Nádima Carvalho O. da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

*À medida em que as separações, divórcios e recomposições conjugais aumentam, os filhos tornam-se vítimas involuntárias dessas rupturas. Através de um referencial analítico, tenta-se fazer algumas articulações entre o sofrimento inconsciente da criança, sempre vinculado ao não-dito, a mentiras e à culpa, com questões referentes à idade da criança na época da separação, guarda dos filhos, ausência de um dos genitores e a necessidade de um ambiente acolhedor que possa lhe garantir segurança.*

A vida familiar existe em todas as sociedades. Desde os povos mais primitivos a família representa lugar interiorizado inscrito no sujeito, tendo papel imprescindível na formação do indivíduo. Com a evolução dos tempos houve muitas modificações no contexto da formação familiar.

De início, a família tradicional assegurava a transmissão de um patrimônio, era submetida inteiramente a uma autoridade patriarcal, sem que se levasse em conta o desejo ou afeto do futuro casal.

A família do século XVIII até metade do século XX foi fundada no amor romântico, com reciprocidade de sentimentos e desejos, sendo a atribuição da autoridade dividida entre o casal: pai e mãe.

Finalmente, a partir dos anos 60, do século passado, a família pós-moderna vem tendo dificuldades para manter-se como instituição, entrando no século XXI como uma organização cuja importância está mais atribuída à vida privada, tornando-se lugar de experiências subjetivas, embora permaneça paradoxalmente como a instituição humana mais sólida da sociedade (Roudinesco, 2002, p.80).

As relações homem/mulher vêm passando por muitas mudanças, com a crescente participação feminina no mercado de trabalho e a tentativa cada vez mais equilibrada da divisão das tarefas domésticas e onde a figura paterna está sendo solicitada mais efetivamente na educação dos filhos.

E nesse processo de transformações, forma-se um novo modelo familiar, que muitas vezes se fragiliza diante das dificuldades por que passam as famílias atualmente.

Segundo dados do IBGE (2002) a duração média dos casamentos é de dez anos e meio, e muitas vezes até menos. A geração mais nova é imediatista – quer tudo em curto prazo –, daí que as separações, divórcios e reconstruções conjugais aumentaram nesses últimos anos.

De acordo com dados do IBGE publicados na revista *Época* (2004), o número de separações aumentou em 55% entre os anos de 1991 e 2002, e as reconstruções conjugais passaram de 47 em 1984 para 95 em 2002. De cada 05 (cinco) bebês nascidos em 2000, um viverá em família de pais separados.

Na revista *Veja* (Edição Especial: Homem) dados indicam que atualmente 25% dos homens separados reivindicam a guarda dos filhos.

Dentro de um referencial psicanalítico, este trabalho busca fazer algumas articulações vinculadas a esse momento, quando tantas transformações abalam a estabilidade e o desenvolvimento da criança na família.

A criança pequena se sente como centro do mundo. Algo que faça sofrer ou que provoque sofrimento em alguém próximo a ela vai fazer com que acredite ser ela o agente provocador: isso faz parte do imaginário infantil. Qualquer situação de dificuldade, doença, morte ou separação sempre causa abalo na criança.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IV Jornada do GPAL em agosto de 2004.

<sup>2</sup> Psicóloga e psicanalista do GPAL.

## Separação dos pais: um impasse a ser superado

Elizabeth Roudinesco, (2002, p. 91) em seu livro *A Família em Desordem*, faz a seguinte citação de Theodor Adorno: “*A morte da família paralisa as forças de resistência por ela suscitada*”.

A díade mãe x bebê de modo algum exclui uma triangulação: mãe – pai – bebê, pois o bebê é o núcleo na concepção e a mãe contém a representação do pai. O bebê não pode ser separado da mãe que o nutre e cuida sem que haja riscos para a vida dele.

O pai assume importância na vida da criança, pelo fato da mãe falar sobre ele e pela maneira como fala para a criança. Somente a nomeação simbólica permite garantir a paternidade, que é, portanto, um pai pela fala da mãe, além de o biológico designar o genitor pela vocação discursiva.

Freud diz: “*Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa, quanto a da proteção de um pai*”. (1927, p. 90)

A criança pequena necessita de cuidados contínuos para se desenvolver de forma apropriada. A crença nas pessoas que cuidam dela faz o seu processo de construção como sujeito e que, por não estar firmado, pode ser destroçado.

Esse início de contato com a realidade exige ambiente tranquilo e relacionamentos seguros, pois o mundo interpessoal dos pais é que é simbolizado pela criança. Ela vai estabelecer diferenciação entre o silêncio do quarto e o barulho da rua, sentindo bem ou mal-estar diante dessas diferenças.

No processo de crescimento existe o que pertence à criança, o que se relaciona com o ambiente e o que é do domínio predominantemente dos pais. Difícil é construir a personalidade dos filhos num lar de aparência enganadora. Nos casais malogrados ou mentirosamente unidos é que se encontram as neuroses mais graves.

Pais que estão em contínuas brigas e desentendimentos deixam as crianças sentirem-se ameaçadas no seu dinamismo, pois elas têm lógica e é preciso explicar-lhes que os deveres com os filhos são diferentes dos compromissos entre homem e mulher.

As meias verdades sobre os desentendimentos do casal ou o silêncio imposto nesses momentos têm a ver com o retorno

do recalçamento dos seus próprios pais e suas experiências infantis. Daí a importância de se falar para a criança sobre as situações difíceis, sendo essas traduzidas numa linguagem tranquila e de tal modo que a criança entenda que não está sendo enganada.

Quando algo é difícil demais para que as crianças aceitem, elas têm necessidade de inventar, esquecem o que foi falado e “inventam” de acordo com suas fantasias e lógica própria. A verdade vai lhe permitir avançar na vida e enfrentar essa realidade: homem e mulher se separam, nunca pai e mãe.

Nos casais em que os desentendimentos são constantes e em que não há um desejo único de uma relação ser mantida, mais lógico será tomar uma posição e assumir a separação, pois, nesse momento, é mais fácil para os filhos terem pais realmente separados, com uma situação clara e definida, na qual “*A criança sabe onde lhe falta o chão e onde esta pisando*” (Winnicott, 1999, p. 149).

Pai e mãe organizam, por sua maneira de ser, tudo que a criança é. Em um lar onde um dos pares renuncia ao seu papel, a criança poderá se identificar com imagens mutiladas ou incompletas do adulto.

A separação dos pais é mais danosa em certos momentos do desenvolvimento da criança, já que existem necessidades diferentes em etapas diferentes do desenvolvimento.

Quanto menor a criança, mais grave será para o filho o desentendimento dos pais, pois a criança muito pequena necessita maior segurança, que pode ser encontrada na mãe, no ambiente e nos cuidados recebidos por ela. Segundo Winnicott, “*Sem uma maternidade suficientemente boa, os estágios iniciais do desenvolvimento não podem ter lugar*”. (1999, p. 83).

Após os três anos, a criança vai alcançando um equilíbrio no seu desenvolvimento e após os cinco anos já vai construir uma imagem interior de si mesma. Porém, “*Não existe em nenhuma época do desenvolvimento de uma criança, em que se possa afirmar ser ela maleável a uma situação de stress*”. (Winnicott, 1999, p. 127).

Zeferino Rocha diz que Freud não exagerou quando disse: “*A saúde e a doença psíquica dos adultos, dependem do modo*

*como foram vividos os cinco primeiros anos de nossa vida de criança e como foram resolvidos os seus conflitos". (1998, p. 89).*

Quando os pais realmente assumem a separação, passando os momentos iniciais de provações, vai acontecendo aos poucos uma adaptação à nova vida. Ficando fora do espaço em que viveu com os pais, enquanto estavam juntos e se agora fica fora dele, a criança vai ter dificuldades para se reconhecer no seu corpo e em seus referenciais espaciais e temporais. Se continuar no mesmo espaço em que viveu com os pais unidos, haverá uma mediação, sendo, então melhor para ela, permanecer na mesma escola, ter os mesmos colegas, fazendo um continuum social e afetivo.

A transição exige adaptação de todos, sendo importante estabelecer um convívio equilibrado nesse momento, sem distribuir culpas ou culpados, pois *"A separação vista como erro de um dos pais é como um veneno para as crianças"*. (Dolto, 1998, p. 53).

Os pais não precisam ser pais ideais, mas o importante é que a criança não seja tratada como objeto de disputa. A oposição para a visita de um dos genitores poderá criar fantasias na cabecinha das crianças que querem a aproximação e, ao mesmo tempo, se opõem a ela, tentando satisfazer o outro genitor, gerando fantasias, sentimentos de culpa e ambivalência.

A falta de um genitor, que pode ser o pai ou a mãe, vai aumentar as dificuldades da criança nesse momento. Privá-la do contato com um dos pais pode gerar desapego e também medo do abandono, pois o tempo cronológico da criança é diferente do tempo dos adultos.

A presença dos pais, cada um do seu lado, é determinante na sua estruturação psíquica e vai fazê-la criar vínculo com as duas casas e assim ir aos poucos se adaptando a um novo convívio familiar. Porém, tanto as crianças como os pais vão ter que enfrentar essa realidade e os conflitos inerentes a ela, necessitando de tempo para sua elaboração, evitando o medo da criança de ser abandonada, muito comum no momento da separação.

Muitas vezes a emoção ao ver um dos pais, que não está habitualmente com ela, pode provocar na criança, choro, irritação,

vômitos, crises de agressividade, que não podem ser explicadas por ela. *"Não por não amar a mãe ou o pai ou por voltar para casa do outro genitor, mas são reações as suas perturbações, linguagem a ser decifrada e fenômeno que não se deve à pessoa de cada um: - pai ou mãe - mas a uma situação"*. (Dolto, 1998, p. 55).

As crianças são propensas a se sentirem desleais e ansiosas quando regressam ao lar ou também quando retardam esse regresso, sem saber o porquê, pois gostam de outros lugares.

O convívio estável com outras pessoas e familiares "pais, tios, primos e avós" é muito importante, e vai proporcionar um desenvolvimento afetivo e social, expandindo sua personalidade, interagindo e modificando comportamentos, de acordo com as características próprias de cada um.

A figura dos avós vem adquirindo grande importância na família, e nesses momentos de transição dá o suporte, o afeto e o aconchego de que as crianças precisam. As idéias diferentes deles permitem que a criança aceite contradições e perceba que a razão não precisa ser única. Com os avós a criança percebe que se pode amar com quem se briga.

Os avós também ajudam a construir a história da vida da criança: ouvindo falar dos seus pais e de quando eram pequenos, vão tomando consciência da vida anterior a elas, comparando o que os avós contam com o que os pais falam, fazendo desenvolver o imaginário dos pequenos.

Não cabe aos avós recriminar o pai ou a mãe, como também não é bom que se alegrem com a separação ou tomem partido por algum dos lados. A percepção de que é amada e acolhida vai aumentar na criança a segurança nesse momento de intranquilidade. Quando existe um bom suprimento ambiental sobrevém a confiabilidade.

A criança vai precisar ter modelos para seguir. Assim, tendo um adulto de cada sexo perto dela, evitará uma hemiplegia simbólica. Os amigos, tios, padrinhos, todo um convívio social proporcionarão à criança modelos masculinos e femininos que podem ser admirados, e que não precisa ser necessariamente o genitor. *"Vendo a mãe pareada com outro é que o par da criança*

## **Separação dos pais: um impasse a ser superado**

*com a mãe vai ganhar sentido para sua sexualização consciente, desafiando o desejo do outro no amor".* (Dolto, 1998, p. 218).

Os filhos podem ser privados dos pais externos como casal que viveu desacertos, mas vão interiorizar aqueles pais que, não estando juntos, continuam inseparáveis no inconsciente da criança, numa imagem solidária.

A criança só tem a crescer e amadurecer, dependendo de como vai passar pelas angústias desses momentos, tendo os pais, separados, um de cada lado, mas os dois a seu lado.

Winnicott, D. (1999). *Conversando com os pais*. Rio de Janeiro: Imago.

---

### **Referências bibliográficas**

Dolto, F. (1996). *Quando os pais se separam*. Rio de Janeiro: Zahar.

Dolto, F. (1998). *Os caminhos da educação*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (1974). *O futuro de uma ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1927).

Homem. Veja Especial, São Paulo: Abril Cultural, nº 34, pp. 10-13, agosto de 2004.

Revista Época, São Paulo: Globo, nº 308, p. 80, abril de 2004.

Rocha, Z. (1998). *Palavras para o Silêncio*. Recife: Universitária/UFPE.

Roudinesco, E. (2002). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Winnicott, D. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes médicas.